

Poéticas Exposição Ero Ere Negras Conexões
(MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ - MAC)

TEXTO DE ABERTURA

Ero Ere

Mulheres negras na arte

Somos muitas, somos uma
Singulares, múltiplas
Somos a soma das que vieram antes
ausentes, invisíveis
Somos
procura e encontro
Silêncio transfeito,
uníssono
Presente!
(Nós também estamos aqui!)

O coletivo Ero Ere é um grupo de artistas visuais negras residentes em Curitiba, que se formou em 2018 a partir da investigação de uma produção artística local. O propósito desta interconexão é pensar as vivências e afinidades poéticas das artistas, tendo como eixos; o feminino, a ancestralidade, e a urgência em ressignificar lugares e identidades na arte contemporânea.

Eliana Brasil.

Ero Ere: em yorubá, Salve a Gameleira;
árvore de raízes fortes, símbolo religioso de matriz afro-brasileira.

TEXTO CURATORIAL

Ero Ere: negras conexões

A exposição **Ero Ere: negras conexões** apresenta trabalhos das artistas **Claudia Lara, Eliana Brasil, Fernanda Castro, Kênia Coqueiro, Lana Furtado, Lourdes Duarte e Walkyria Novais**, que compõem o coletivo **Ero Ere: mulheres artistas**, formado em 2018 em Curitiba/PR. Se em um primeiro instante o trabalho com a matéria têxtil alinhava a pesquisa poética de boa parte destas artistas, não demoraremos a perceber nesta exposição como esta recorrência marca um lugar na sociedade e dentro do universo das artes visuais atravessado pelo entrecruzamento de questões como gênero, classe e raça de diferentes modos.

O trabalho da costura, do crochê, dos bordados e das tranças de cabelo ocupa historicamente uma zona limiar entre o trabalho doméstico não remunerado tradicionalmente imputado às mulheres e o trabalho informal, de modo que o espaço da casa e o espaço da cidade apresentam neste contexto questões complexas de diferentes níveis de cerceamento das possibilidades de atividades profissionais e de liberdade num todo. Quando as mulheres finalmente conquistam o direito à frequência nas Academias de Arte, suas condições de formação são marcadas pela negação ao acesso pleno do rol de disciplinas. Mesmo em instituições de vanguarda como a Bauhaus, as mulheres tinham como opção arte têxtil ao invés de aulas de pintura. Tomaremos o clássico exemplo do casal Josef e Anni Albers. No entanto, ainda que as diferentes linguagens tragam já de saída uma diferenciação em seu modo de recepção pelo motivo do status conferido à pintura frente a outras linguagens, não nos faltam exemplos de artistas que se utilizando de tais meios e justamente a partir deles, produziram obras vigorosas, ainda que historicamente e de modo sistemático estas artistas não tenham sido contempladas com os mesmos direitos de acesso adquiridos por artistas mulheres brancas.

A questão do direito ao trabalho ou do acesso à academia adquire nuances importantes quando se trata de artistas mulheres negras, e é a partir desta diferença de posição que devemos considerar alguns dos aspectos mais importantes da questão. Por qual motivo entre trabalhos de fotografia, livros de artista, instalações, pintura e cerâmica, a arte têxtil apresentaria junto a tudo isto, ainda hoje, uma singular força de resistência? Suponho que se trate de uma questão de lugar. Por demarcar um lugar de ocupação e direito de permanência como resistência. Justamente pela manutenção de um saber tradicional passado de geração para geração que sobrevive até a contemporaneidade e não pela sua negação, mas pelo seu recondicionamento na sociedade, existe a possibilidade de inversão no que diz respeito à atribuição de valores e a produção de novas lógicas do tecido social no fortalecimento de redes, tramas e enredamentos coletivos.

Rosana Paulino (1967-) trabalha a questão da memória da mulher negra brasileira e por estes dados já nos causa incômodo e desconforto como a matéria macia do tecido frequentemente configura trabalhos de difícil montagem, de restituição dolorosa ou

mesmo da constatação de sua impossibilidade, na sobreposição de rostos e memórias veladas. A linha aparece como matéria prima de tensões e torções. Harriet Powers (1839-1910) trabalhando com técnicas tradicionais de apliques com materiais diversos em tecido produziu narrativas de lendas locais, bíblicas e eventos astronômicos em colchas com uma riqueza de elementos

formais e estrutura narrativa que adianta questões elaboradas na arte moderna que viriam se tornar comuns nas décadas posteriores.

Dentre muitas possibilidades de abordagens, a exposição *Ero Ere: negras conexões* aposta na configuração de três nichos: o primeiro ambiente apresenta de maneira mais enfática trabalhos de arte têxtil. *Ciclo contínuo (2017-2019)*, de Eliana Brasil, produz uma segunda pele para um material de construção (conduítes) que já serve como uma casca de proteção para sistemas de condução de energia. Aqui a estrutura que deveria permanecer invisível no interior das paredes ocupa e se desenvolve no espaço como se pudesse crescer indefinidamente e sem controle, uma vez que é de fato um trabalho em processo contínuo, apenas com data de início. Os quatro *Ninhos Paisagem (2016-2018)* de Claudia Lara, junto à instalação de Brasil estruturam nosso percurso no espaço, ocultando e dando a ver em partes o que está ao redor e além, possibilitando vistas de dentro e de fora e da frente e do verso das coisas. A presença destes ninhos, junto aos três estandartes: *Lua do Crescer (2019)*, *Plenilúnio (2019)* e *Lua da Cura (2019)*, que nascem de reflexões e da experiência em relação aos ciclos lunares, configuram protuberâncias de formas e proliferação de cores, principalmente na intensidade do vermelho. A ideia de ciclo e a ocupação do espaço são a tônica desta sala, se os trabalhos anteriores avançam suspensos nos fazendo olhar para frente e para cima, a pintura *Dedilhadas (2018)*, de Kênia Coqueiro escorre tranças imensas sobre o chão marcando o resultado das horas do trabalho e do cuidado enquanto *Quando o gesto vira poesia (2019)*, de Brasil, uma espécie de rolo fotográfico de crochê com fotografias costuradas estende-se longitudinalmente como um horizonte.

A fotografia, a lógica da reprodutibilidade e o olhar para a paisagem e suas materialidades atravessam principalmente os trabalhos do segundo ambiente da exposição. Se a nostalgia e a questão da distância estão impregnadas nas imagens e textos presentes em *Quando se planta paisagem (2003-2019)*, livro de artista de Walkyria Novais, *Corpo de tocar (2019)* e *Corpo de Barro Branco (2019)* ambos de Lourdes Duarte, também em formato livro, nos convidam a tocar e folhear. Mas quando olhamos para suas peças em cerâmica de moldes do corpo ou as matrizes aqui assumidas enquanto esculturas que materializam os espaços negativos deste mesmo corpo, as fotografias de fragmentos em *Corpo de tocar* retomam sua distância e ausência ontológicas. A imagem desenhada e pintada da paisagem, a matéria da paisagem que molda o corpo, moldada pelo corpo, e por fim a série *Abstratas (2019)*, um panorama de fotografias de Lana Furtado nos quais a vista excessivamente aproximada de fragmentos da natureza nos traz situações ambíguas entre o que é corpo e o que é paisagem.

O trabalho de fotografia documental de Fernanda Castro nos dá a ver um grande panorama de imagens de mulheres negras quilombolas paranaenses em seus diversos afazeres, como um grande retrato de organização e força individual e comunitária. Nas

comunidades periféricas o termo “rede de solidariedade” ainda faz sentido. Aqui a figura da mãe e da mulher está atravessada, como se atravessam de outros modos em **Memórias inventadas ou uma caixa imaginária (2003-2019)** e **No fundo da gaveta (2003-2019)** de Novais onde a artista fotografa objetos de sua mãe ausente, ou ainda quando os traz ao ambiente da exposição (criado mudo). Já a instalação **Coqueiras (2019)** de Coqueira busca ligar a história de quatro gerações de mulheres de sua família. Terminamos por fim o com imagens e a fala de diversas outras mulheres negras presentes no videoarte **Tom do pigmento (2019)** relatando as diversas situações em que sofreram casos de racismo, capturadas durante as horas de trabalho de Coqueiro. Ao terminarmos com a abertura para a fala destas outras mulheres negras, deparamo-nos com a riqueza da ausência de linearidade presente na proliferação destas vozes, vidas e experiências que dão corpo e forma a um tecido formado pela diferença. Diferentes níveis de tensão, linhas de força formando emaranhados e proliferações. Uma trama complexa costurando histórias daquelas que também tem direito à memória. Terminamos enfim reafirmando as palavras de Eliana Brasil “nós também estamos aqui”.

Emanuel Monteiro - inverno de 2019

Claudia Lara

Para esta exposição a artista Claudia Lara apresenta obras em suporte têxtil com bordado manual e mecânico, aplicações de tecido, crochê e pintura acrílica sobre feltro e linho.

Quanto ao processo “eu sempre quis voltar ao têxtil na minha poética, que por um período ficou focada no desenho e na pintura. Hoje é como se o universo de minha pesquisa se ampliasse no fato de que posso ir além do pincel e da tinta para pintar. Faço pintura também com agulhas e com a infinidade de matéria e texturas do meio têxtil.”

Nas 4 obras denominadas “Ninho Paisagem” a artista trabalha o tema do ninho como local de aconchego e local de recolhimento para refletir o cotidiano.

Nas 3 obras, “Lua do Crescer”, “Plenilúnio” e “Lua da Cura”, Claudia Lara trabalha os saberes manuais no tema da mulher e as fases da lua, os próprios ciclos femininos da adolescência - Lua Donzela, idade fértil - Lua Mãe e velhice - Lua Negra. As obras são apresentadas como estandartes. No Carnaval “O estandarte é considerado o elemento sagrado de todo o conjunto, o símbolo da honra e a bandeira de integração do grupo” (Lúcia Gaspar). No contexto desta exposição, a imponência dos estandartes revelam o valor desses momentos das mulheres como símbolo de força e reconhecimento da mulher e seu papel em toda a sociedade, em toda a humanidade, inspirada em culturas ancestrais que trazem a Lua e a Deusa, o princípio feminino que é a fonte da vida.

Eliana Brasil

A artista Eliana Brasil apresenta nesta mostra, peças e instalações pensando nas manualidades têxteis como forma de estar no mundo. São objetos que amalgamam crochê, costura e memória. No “Ciclo Contínuo”, o conceito de continuidade e crescimento é abordado no trabalho que está em permanente processo de construção. É como ir apreendendo o tempo e materializando vivências sintetizadas em ondas de cor e forma. Em “Quando o Gesto vira Poesia” as memórias de uma infância longínqua são apresentadas por fotografias bordadas sob um manto tecido em crochê. Para a artista o ato de tecer, desde a infância, sempre foi entendido como refúgio e arte. A arte têxtil para Eliana Brasil é o desdobramento das linguagens tradicionais - “Todo trabalho nasce de um pensamento, mas assim como na pintura ou na escultura é o gesto que determina o fazer artístico, gosto de pensar na construção do crochê como pequenas pinceladas que vão preenchendo e compondo um espaço tridimensional”. A artista também abre a exposição com a performance “Carne Nobre”, alusão feita à letra da música “A Carne” interpretada pela cantora Elza Soares. Eliana entende que ser mulher negra é carregar toda a somatória de uma história segregadora e racista. - “Habito um corpo político, se faz necessário usar esse corpo como instrumento de desalienação”.

Fernanda Castro

Ancestralidade Africana.

Vinte fotografias, vinte mulheres negras, cada qual trazendo sua própria história que, apesar dos caminhos diversos tomados, têm com raiz um passado comum: são todas descendentes de escravizados que trabalharam, viveram e morrem em terras paranaenses. Por mais que o Paraná tente ignorar, a mancha da escravidão existiu.

As imagens revivem a memória e a história da resistência e lutas por direitos iguais entre os povos.

São quilombolas moradoras nas comunidades do Paraná. Nas visitas a esses locais Fernanda Castro acabou por criar vínculos afetivos com os retratados. "É sempre uma troca: eu as fotografo com a minha câmara e elas me presenteiam com sua memória ancestral.

Para a realização desse trabalho a artista valeu-se do essencial: o uso de uma câmara fotográfica e a luz que nesse momento dos registros ganhava o cenário local.

Kênia Coqueiro

A contribuição da artista Kênia Coqueiro para esta exposição é apresentar obras que, em suportes variados, refletem como a afetividade, ou a falta desta, influencia a autoestima feminina negra.

Na instalação Coqueiras, a artista apresenta a fé no amor como fator comum às mulheres de sua família a partir do vestido de casamento dado de presente pela matriarca da família à sua mãe, o qual foi utilizado pela artista também em seu matrimônio. A alusão da planta coqueiro e a sua facilidade de gerar bons frutos em terrenos muitas vezes hostis, é delineada pelo sobrenome de árvore dado aos negros usurpados de sua história que construíram outras histórias nessas terras.

Em Dedilhadas e Tom do Pigmento, Kênia Coqueiro transforma vozes de mulheres negras em objeto de observação e apreciação, trazendo ao ambiente os corpos dessas mulheres que com frequência não são percebidas em suas belezas.

Lana Furtado

Para a exposição Negras Conexões, a série de fotos apresentada pela fotografa Lana Furtado é o resultado de uma investigação poética sobre as sensibilidades. A artista mergulha no seu universo espiritual e traduz, em texturas fortes, contrastes de luz e sombra, uma ambiguidade que mescla a paisagem do entorno com a epiderme humana vista em superclose. A escolha pelo resultado enigmático é o ponto de contato com o espectador, é nesse momento que a obra se completa.

Lourdes Duarte

Lourdes Duarte aponta, por meio de suas obras, seu corpo feminino com suas múltiplas faces. Faz dele um território de passagem no contexto Artístico, fruto de experiências culturais distintas.

'Negras conexões' é a exposição aonde a artista fala de sua poética ligada a corporeidade. Procedimentos escultóricos, multiplicação e superfícies associadas às suas obras é o que a artista propõe na série 'Vestígio', utilizando cerâmica em suas esculturas.

Em 'Corpo de tocar' Lourdes apresenta seu livro de artista I, com fragmentos do corpo impresso em linh, relacionados a indícios de memória. As imagens não identificam que se trata de um corpo. Trata-se de resquícios: contrastes de cores, luzes estouradas.

Em 'corpo de barro branco', Livro de artista II, também faz uma reflexão sobre o corpo na arte contemporânea. Lembranças de sua infância no interior de MG, onde mulheres buscavam barro branco para pintar as casas. Corpos transportando carga pictórica aparecem aqui como páginas de barro vazias, moldadas em gesso e reproduzido em barro branco, que ecoam, em silêncio, o peso da memória.

Walkyria Novais

Na exposição Negras Conexões a artista visual Walkyria Novais mostra três trabalhos: dois livros de artista e uma série de fotografias analógicas. Em “Memórias inventadas” ela recria um novo sentido para algo apropriado de sua mãe e nos mostra que toda a memória é inverídica, inventada, formada por lacunas, fotos, livros antigos, recordações e um brinquedo aos pedaços, guardados numa caixa imaginária durante quase 60 anos com muito carinho. “Do fundo da gaveta”, é um livro de artista que dialoga com o trabalho em fotografia “Memórias Inventadas ou Uma Caixa Imaginária”. Enquanto “Memórias Inventadas” fala da relação da artista com a sua mãe, “Do fundo da gaveta” fala da relação dela com o filho e com a maternidade em si. Este livro é feito com colagens, sobreposições que se desenvolvem numa publicação de poesia que tem partes encobertas por tinta e colagem e partes que são destacadas. As palavras que escapam traçam uma narrativa ao longo do livro. E vão mostrando as relações com a maternidade e a angústia que vem desse enfrentamento. Já no livro “Quando se planta a paisagem” o fio condutor é a busca pelo quintal da própria casa, por suas raízes, mas sempre lembrando que as viagens que fazemos deixam vestígios.